

Coerência: Autor - Texto - Leitor dialeticamente se constituindo no mundo.

Belmira Rita Magalhães/UFAL
Maria Virgínia Borges Amaral/UFAL

Este trabalho tem como proposta discutir o conceito de coerência, a partir de um referencial teórico que tem em seus princípios o entendimento de que a possibilidade de compreensão de qualquer texto/enunciado ocorre a partir da relação autor-texto-leitor, em um momento definido historicamente. A aplicação dos pressupostos teóricos será feita através da análise de um fragmento do texto de Carvalho, Bonetti e Iamamoto: A formação Profissional do Assistente Social do Brasil - Determinantes históricos e perspectivas¹

Ao discutir a relação entre coerência e texto, Koch (1989) atribui à coerência a função de constituir a textualidade - sem coerência um texto não se sustenta.

"É a coerência que faz com que uma seqüência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência através de vários fatores que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da seqüência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc.) permitindo construí-la e percebê-los, na recepção, como constituindo uma unidade significativa global". (Koch 1989:45).

¹ Carvalho/Bonetti/Iamamoto in Serviço Social e Sociedade, Cortez. 1984. A ABESS assume esse projeto como uma prioridade na sua programação 83/85.

A autora discorre sobre a importância da coerência na constituição do texto, mostrando-a como um princípio fundamental ao processo de compreensão. A coerência envolve vários fatores, inclusive a coesão, que, por não serem suficientes para o estabelecimento da textualidade não determinam a formação do texto. Coesão não é "sinônimo" de coerência. A coesão, segundo Marcuschi (1983 in Koch 1989) tem seu limite na superfície do texto, referindo-se, exclusivamente, aos aspectos linguísticos: inscreve-se entre os conhecimentos linguísticos necessários à construção da coerência.

Assim como a coesão, outros fatores incidem na coerência, e, portanto, na textura de uma sequência linguística, são eles: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferência, fatores pragmáticos, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, focalização, intertextualidade e relevância.

Esses fatores estão interrelacionados no texto formando um "todo" que, a partir de uma interdependência operam no processo da coerência textual. Significa dizer que há níveis de coerência diferenciados; um texto por si só, não poderá ser julgado como coerente ou incoerente. Nesse sentido, Koch (1989), remete a discussão a Charolles (1987) que afirma não haver propriamente textos incoerentes. O ouvinte ou leitor do texto se esforça para calcular o sentido do texto. Ser ou não um texto coerente depende do usuário, pois o sentido estaria no leitor.

Todavia a questão não se resolve só do ponto de vista do sujeito que ouve ou lê o texto. Koch (1989) concorda que a coerência, enquanto princípio de interpretabilidade, justifica a não existência de um texto incoerente em si, mas esse fato remete necessariamente à explicitação dos elementos que configuram a situação comunicativa a qual não se constitui apenas do sujeito que "recebe" o texto.

"O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situações, levando em conta intenção comunicativa, objetivos, destinatário, regras sócio culturais, outros elementos da situação, uso dos recursos lingüísticos, etc. Caso contrário será coerente". (1991:50)

Nesse sentido Koch inscreve o "autor" (produtor) do texto no processo de estabelecimento da coerência. Ele deve considerar no ato da produção do texto vários elementos que contribuam para produção de sentidos pelo sujeito que ouve/lê o texto.

"É evidente que a capacidade de cálculo do sentido pelo receptor é fundamental... (1991:50)

Todavia

"A coerência não é nem característica do texto, nem dos usuários dos mesmos, mas está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação". (Koch 1991:51)

Em suma, no processo de coerência foram inscritos: o produtor do texto, o texto e o leitor - todos relacionados numa determinada situação comunicativa. Na interioridade do texto estão inscritos os sentidos que possam ser atribuídos, e ele oferece pistas para a constituição dos sentidos no processo de interlocução.

Tomando o texto como uma seqüência ou cadeia de enunciados, formando uma unidade significativa, consideramos como Bakhtin que é no enunciado que a língua, com todas as suas formas de seqüenciação, adquire expressividade; o enunciado é a forma concreta de realização dessa expressividade. O produtor do texto — o locutor — expressa algo num preciso momento e em condições específicas, definindo-se nesse momento a possibilidade da resposta; a possibilidade de compreensão e reação responsiva por parte do ouvinte.

Assim como para Koch (1991), em Bakhtin o processo de materialidade do texto — textualidade — se dá a partir da relação entre o autor, o texto, o leitor num dado momento.

"O texto é um reflexo subjetivo de um mundo objetivo, é a expressão de uma consciência que reflete algo". (Bakhtin - 1992:340)

O texto é uma concreção da consciência, do sujeito no mundo:

pela linguagem a consciência apreende a sociabilidade e a expressa também através da linguagem (oral ou escrita). A consciência se objetiva na "expressão que lhe dá o signo, na realização que lhe dará o texto" (Bakhtin 1992:332). Essa é uma das formas em que a consciência se concretiza no mundo, a forma primeira de sua realização.

Nesse processo de concretização da consciência do sujeito através do texto inscreve-se também a consciência de quem toma conhecimento dele — o sujeito que ouve ou lê. As possíveis respostas que o texto possa desencadear estão inscritas no seu interior. Elas são consideradas desde o momento específico de sua produção pelo autor, mesmo que este não tenha condições de limitá-las. A fronteira das respostas possíveis dependerá de vários outros fatores que transitam entre a subjetividade (consciência) e a objetividade (mundo efetivo). Nesse sentido Bakhtin aponta três fatores que determinam essas "respostas-possíveis", ao que entendemos como a possibilidade de sentidos que o texto suscita.²

- 1 - O tratamento exaustivo do **tema** — quando um objeto real se torna tema de um enunciado (texto), recebe um tratamento relativo às condições e às situações específicas da atividade humana. O objeto é inesgotável, mas ao ser tomado como tema servirá aos objetivos estabelecidos pelo locutor em relação à realidade a que está ligado. Nesse ponto encontra-se o segundo fator que possibilita a atitude responsiva.
- 2 - A **intenção** do sujeito falante — o locutor tem algo a dizer e o quer dizer, determinando assim a forma do discurso, sua amplitude e suas fronteiras. O intuito discursivo ou o querer dizer do locutor é um elemento subjetivo do enunciado mas

² Bakhtin trata do processo da enunciação concretamente posto, através do discurso. Todavia a análise desse processo se aproxima da análise do texto, visto que os fatores considerados nessa análise são basicamente os mesmos, por exemplo: situação da comunicação, sujeitos envolvidos, intertextualidade, conhecimento de mundo etc.

está indissociavelmente unido ao objeto do sentido — o tema — que é a dimensão objetiva do enunciado. O intuito discursivo (subjatividade) e o objeto de sentido (objetividade) formam uma unidade indissociável concretizada no enunciado. Essa relação do intuito discursivo com o objeto do sentido será concretizada com a escolha de um tipo de discurso, tratam-se das formas típicas de estruturação do discurso.

- 3 - O tipo (gênero, conforme Bakhtin) do discurso — o locutor realiza o seu intuito discursivo, o seu querer dizer "escolhendo" o tipo do discurso. Mas essa escolha não é aleatória, sendo determinada pelo objeto do sentido (o tema) e portanto pela realidade objetiva, em que se processa o discurso. O tipo do discurso está ligado a uma forma padrão que possibilita realizar-se numa dada esfera da atividade humana.

Observa-se, nessa contribuição de Bakhtin (1992), que o processo de atribuição de sentidos ou as possíveis respostas que um texto possa suscitar extrapolam a seqüência lingüística conectada no texto. O texto, como base da interlocução, apresenta componentes na sua interioridade que levam o leitor a detonar elementos necessários à compreensão, estabelecendo o(s) sentido(s) do texto, a sua coerência.

Considerando, então, que a análise do texto, em sua qualidade de enunciado, começa necessariamente pela sua compreensão (Bakhtin - 1992) e a coerência determina a possibilidade de se estabelecer o(s) sentido(s) do texto, portanto, o nível de compreensão dele decorrente (Koch - 1991), analisaremos um fragmento do texto: Projeto de Investigação: A formação profissional do Assistente Social no Brasil — Determinantes históricos e perspectivas.

O texto foi escolhido para análise considerando-se os seguintes aspectos:

- 1 - É um documento que estimula o debate no seio da academia, sendo por isso considerado um marco na história da atuação da

Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social - ABESS, frente ao processo de Formação do Assistente Social no Brasil.

- 2 - Esse projeto superou a sua condição de pesquisa, devido ao seu conteúdo teórico metodológico ter sido referenciado nas discussões para formação dos currículos dos cursos de Serviço Social.
- 3 - A ABESS articulou os debates que originaram um movimento crítico sobre a função do Serviço Social na sociedade capitalista, encaminhando uma proposta de aprofundamento das discussões, "contribuindo para o avanço da qualidade de ensino, incorporando e reconhecendo as diversidades da Formação Profissional no Brasil e criando mecanismos articulados que possibilitam tal propósito" (Iamamoto - 1992 : 162).
- 4 - O texto apresenta pontos fundamentais e indispensáveis à compreensão do que seja o Serviço Social e sua função na divisão social e técnica do trabalho, ajudando na condução do processo de Formação Profissional e minimizando os equívocos e o desconhecimento da gênese e do desenvolvimento da profissão.

Limitamos a presente análise ao seguinte fragmento que contém a essência da problemática desenvolvida em todo o texto.

"A prática profissional do Serviço Social é marcada por um fenômeno característico: disjunção entre intervenção e remuneração, entre quem demanda e quem recebe os serviços do profissional (49). Nesta perspectiva, (1) é preciso ter claro que, (1) embora atuando diretamente junto à classe trabalhadora, o Serviço Social não é diretamente solicitado por esta clientela, que em geral, chega ao Serviço Social em busca dos serviços sociais prestados pela instituição. O alvo da clientela são os serviços, constituindo o Serviço Social um meio para obtê-los. O assistente social é um agente pelo qual a clientela, dentro da rotina administrativa da instituição, (2) tem que necessariamente passar para chegar aos

serviços sociais. Assim, a prática do Serviço Social apresenta um certo caráter impositivo que não aparece nem no discurso da instituição, nem do profissional. O profissional dispõe de um suporte jurídico — institucional para se impor diante do cliente que, assim, na busca da assistência social — que lhe é indispensável nas suas estratégias de sobrevivência enquanto classe dominada — não pode subtrair à prática do Serviço Social. Este é um dos aspectos que (3) precisa ser percebido e analisado na discussão da especificidade da profissão". (1984 : 128) — (os grifos são nossos).

No que diz respeito aos elementos lingüísticos conectados no texto detivemos-nos na apreensão e explicitação de duas categorias analíticas, considerando a força que e^l-s exercem na constituição do(s) sentido(s) : 1 - Operadores Argumentativos e 2 - Indicadores de Modalidades.

Os Operadores Argumentativos têm a função de indicar a força da argumentação em direção ao sentido para o qual o texto aponta. Entre os operadores argumentativos elencados por Koch (1992 : 30-60) encontram-se os que orientam para conclusões contrárias: MAS (porém, contudo, todavia, no entanto etc.) EMBORA (ainda que, posto que, apesar de etc.)

No texto em análise o operador argumentativo (1) embora dá margem a respostas contrárias:

"...(1) embora atuando diretamente junto a classe trabalhadora, o Serviço Social não é diretamente e solicitado por esta clientela".

R1 - O Serviço Social deveria ser solicitado pela classe trabalhadora.

R2 - O Serviço Social não é solicitado pela classe trabalhadora.

O texto aponta uma "disjunção" entre quem solicita o Serviço Social e quem é diretamente atingido pela sua atuação. Todo o texto se desenvolve observando argumentos contrários, mas necessários ao estabelecimento dos seus objetivos: chamar a

atenção do leitor para a especificidade do Serviço Social e seus limites numa dada realidade — a sociedade capitalista.

A clientela (a classe trabalhadora) não solicita o Serviço Social mas os serviços sociais prestados pela instituição. Todos os elementos lingüísticos fortalecedores dos sentidos do texto apontam, para essa transação entre contrários, inclusive os Indicadores de Modalidades por ele utilizados.

Segundo Koch (1987 : 88) as modalidades contribuem para a relação entre os enunciados sendo portanto importante na construção do sentido e no modo como o que se diz é dito. Recorrendo às modalidades o locutor poderá:

"Marcar a distância relativa em que se coloca com relação ao enunciado que produz, seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores; possibilita-lhes também, deixar claros os tipos de atos que deseja realizar e fornecer ao interlocutor "pistas" quanto as suas intenções; permite ainda introduzir modalizações produzidas por outras "vozes" incorporadas ao seu discurso, isto é, oriundas de enunciadores diferentes (polifonia segundo Ducrot); torna possível, enfim a construção de um "retrato" do evento histórico que é a produção do enunciado".

Assim os indicadores de modalidades exercem um papel de fundamental importância na relação entre os elementos lingüísticos e determinada situação em que se processa a interlocução.

No texto em análise podemos observar: "Nesta perspectiva (1) é preciso ter claro que...", o modalizador (1) assim como o modalizador (2) tem necessariamente que passar, reforçam a chamada do texto para os opostos que precisam ser considerados na definição da especificidade da profissão.

O modalizador (2) está assim utilizado no texto: "O Assistente Social é um agente pelo qual a clientela, dentro da rotina administrativa da instituição tem necessariamente que passar para chegar aos serviços". Com o objetivo de fortalecer o que quer dizer, o

locutor atribui ao recurso utilizado uma força duplicada:

F1 - Necessariamente passará

F2 - Tem que passar

O que demonstra o peso dessa modalidade no texto em direção ao sentido por ele permitido. Enfim, argumentativo (1) embora, como os modalizadores (1) é preciso e (2) tem necessariamente que passar marcam definitivamente os objetivos do locutor: esses recursos na produção do texto fornecem aos interlocutores "pistas" quanto a sua intencionalidade.

Esses elementos observados numa breve análise lingüística apontam para outros fatores necessários ao estabelecimento da coerência textual.

Quando o texto em análise refere-se à "disjunção" entre intervenção e remuneração, entre quem demanda e quem recebe os serviços do Assistente Social, alerta o leitor para que clarifique ao seu entendimento sobre a prática do Serviço Social essa questão. No entanto, no texto está inscrito um pacto entre o locutor e o leitor: O locutor trata de um tema apreendido numa dada situação, específica da atividade humana — o campo do Serviço Social. Tem uma intencionalidade, tem algo a dizer, e para isso determinou a amplitude e as fronteiras do que quer dizer através de um texto apontando questões a serem aprofundadas nos debates acerca da Formação do Assistente Social no Brasil, em um dado momento histórico.

Assim o locutor realizou a sua intencionalidade (subjatividade), determinada pela necessidade objetiva de compreender a contraditoriedade do Serviço Social instaurado numa sociedade de natureza também contraditória. Nesse sentido a cadeia da comunicação entre locutor e leitor, através do texto, se realiza pelos conhecimentos acumulados por parte de ambos. Trata-se do conhecimento de mundo necessário à realização do processo de compreensão e construção da coerência textual (Koch - 1990).

Para compreender o texto em estudo o leitor, geralmente Assistente Social, recorre aos conhecimentos armazenados ao

longo de sua experiência profissional, que através de um processo de inferência — "aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explicitada no texto, entre dois elementos desse texto" (Koch - 1989) — tornam possível o estabelecimento de sentidos.

No texto: "A prática profissional do Serviço Social é marcada por um fenômeno característico: disjunção entre intervenção e remuneração, entre quem demanda e quem recebe os serviços do profissional". — não está explícito que quem demanda os serviços do profissional é o Estado, através das instituições de serviços privados; ambos, em prol da ordem capitalista, procuram diminuir os efeitos devasadores da lógica dessa sociedade, respondendo da sua maneira às reivindicações dos trabalhadores, isto é, promovendo programas de assistência e mantendo sob controle qualquer tipo de reivindicação que ameace à acumulação do capital.

O Assistente Social se situa nessa interseção e apreende os sentidos dos enunciados, fazendo uma relação entre o contexto lingüístico e o contexto circunstancial que o texto reflete/expressa.

Da mesma forma não está explícito no texto qual a "rotina administrativa" em que o Assistente Social está inserido e pela qual a "clientela tem necessariamente que passar para chegar aos serviços sociais". Mas o leitor que vivencia essa profissão entende o que o autor diz pelos conhecimentos acumulados profissionalmente. Também sabe quais os "serviços sociais" referidos e não explicitados no texto — as políticas públicas e de assistência social: os serviços de atendimento ao menor, à educação etc.

No texto, autor e leitor pactuam esses conhecimentos de mundo e dão um certo grau de similaridade — são conhecimentos partilhados, constituídos de informações dadas (Koch - 1989).

As informações dadas são recuperáveis a partir do próprio texto, fazendo parte do contexto situacional, sendo do conhecimento de todos que constituem a área específica de referência do texto.

"Novo" é o alerta que o locutor faz quando afirma: "E preciso ser claro..."; é a ênfase no núcleo da sua argumentação. "É preciso ter claro" significa exatamente o que "é necessário" ser discutido e aprofundado pelos profissionais — a especificidade do Serviço

Social, Nesse sentido o texto recupera uma informação dada e a transforma, dando-lhe força para reconstituir o que aparentemente está claro e definido.

Nesse processo inscreve-se um outro fator que contribui para a construção da coerência do texto, trata-se da Intertextualidade. Segundo Koch (1990) a intertextualidade pode ser de forma e de conteúdo. De forma quando num texto se inscrevem expressões, enunciados ou trechos de outros; de conteúdo, quando textos tendo em comum a época, a área de conhecimento, a cultura etc. dialogam entre eles, de forma explícita ou implícita.

No texto em análise a intertextualidade de forma é detectada quando o autor faz referência ao texto fonte em nota de rodapé:

"49. Essa tese da disjunção entre intervenção e remuneração na prática do Serviço Social é levantada e discutida por Marilda Vilela Yamamoto e Raul de Carvalho, nas suas análises sobre as peculiaridades do Serviço Social enquanto profissão no contexto da sociedade brasileira. (Cf. op. cit. p. 84)." (1984 - 128).

Nesse caso, é facilitada, ao leitor a indicação ao texto fonte o que lhe dá condições de maior compreensão dos implícitos no texto que lê. Por outro lado recorrer ao texto fonte dará oportunidade ao leitor perceber que os conhecimentos compartilhados no texto estão ancorados em antecedentes de uma determinada perspectiva teórica impossível de serem totalmente explicitados.

Em relação à intertextualidade de conteúdo assinalamos duas marcas que se sobressaem nesse fragmento: a discussão embasada na teoria marxista, sobre a luta entre classe trabalhadora e capital (quem remunera e quem demanda), numa realidade capitalista; e uma crítica às propostas assistencialistas emergentes nesta sociedade visando amenizar as disparidades sociais.

A coerência dessa intertextualidade de conteúdo se constitui a partir da percepção de que no momento histórico em que o texto é produzido há por parte desses profissionais de Serviço Social, o questionamento acerca da sua especificidade numa sociabilidade contraditória.

Quando o leitor se limita a reconhecer o texto, sem considerar as "pistas" que lhe são oferecidas, os conhecimentos referentes,

poderão ser prejudicados, impedindo a constituição da cadeia de comunicação, a relação entre os enunciados e o mundo que expressa, dificultando a compreensão e, conseqüentemente, a apreensão da coerência textual.

No texto analisado o autor tem como destinatário os profissionais de Serviço Social e como intencionalidade suscitar a discussão sobre as contradições da prática dessa atividade que passa por um momento de revisão. Ao se utilizar de elementos do mundo próprio da cotidianidade desses profissionais, expressando-os através de elementos lingüísticos que ajudam a formulação do texto (operadores argumentativos, indicadores de modalidades), o locutor capta a contraditoriedade da profissão, criando, dessa forma, possibilidades concretas para que a coerência se instaure com a intervenção do leitor.

Enfim, ao produzir o texto, o autor/locutor tem consciência do que quer expressar (intuito discursivo) e de quem será seu leitor preferencial (destinatário): no entanto seu objetivo só será atingido se conseguir produzir seus enunciados na forma adequada ao seu leitor, quando possibilita o estabelecimento da coerência.

Sintetizando, o autor apreende uma objetividade, torna-a consciente e expressa-a de forma lingüística adequada aos seus possíveis interlocutores. Só assim um texto tem amplas possibilidades de estar no mundo.

Referências bibliográficas

- 1 - BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- 2 - _____ Questões de literatura e de Estética. (3^a. ed.) São Paulo, UNESP, 1993.
- 3 - CARVALHO, A., BONETTI, D., IAMAMOTO, M. "Projeto de Investigação: A Formação Profissional do Assistente Social" in Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, 1984.
- 4 - KOCH, I. Argumentação e Linguagem. (2^a ed.), São Paulo. Cortez. 1987.
- 5 - _____ A Inter - ação pela Linguagem, São Paulo, Contexto, 1992
- 6 - _____ Koch, I. TRAVAGLIA, L. A Coerência Textual (2^a ed.) São Paulo, Contexto, 1992
- 7 - _____ Texto e coerência. São Paulo, Contexto, 1989.